

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Ciências do Zika"

Episódio #7: "Quando uma epidemia e uma pandemia se encontram"

Transcrição do episódio: Camila Anselmo

Revisão da transcrição: Irene do Planalto e Soraya Fleischer

Legendas

Blocos

Efeitos sonoros

Abertura

[Música tema: "Suporto Perder", de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

Irene: "Ciências do Zika", uma série do podcast Mundaréu. Aqui, a partir de um ouvido antropológico, a gente vai conversar sobre a epidemia do vírus Zika com cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Esse é o último episódio, Quando uma epidemia e uma pandemia se encontram.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

É chegado o tempo da inocência partir

Vida pede cimento, vou fincar minha raiz

Não me perder no vento da emoção do aprendiz

É chegado o tempo de ampliar a ciência

Sobre o que é ser feliz

(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)

Irene: Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Ana Paula Jacob, ela é doutoranda em antropologia na Universidade de Brasília, é psicóloga e também faz parte do grupo de pesquisa das ciências do Zika.

Ana Paula: Oi, Ire. Obrigada pela apresentação. E eu queria adicionar uma outra informação, é que eu faço pesquisa para a minha tese envolvendo medicamentos e a pandemia de COVID, mas eu conversei muito com o grupo de pesquisa focado no Zika, afinal nós estudamos epidemias, né? E por isso, eu quero te convidar a relembrar do momento inicial de aproximação com o Zika, que durante a minha pesquisa de campo um cientista comentou comigo.

BLOCO 1: Entendendo a vida dos vírus

Irene: Legal, me conta. Quem é esse cientista e o que que ele comentou?

Ana Paula: Ire, esse cientista é um virologista, ele tem a formação em ciências biológicas e trabalha numa instituição pública voltada pra produção de tecnologias envolvendo ciência e saúde. E eu vou dar um nome fictício pra esse cientista, de modo a preservar o anonimato. E esse é um compromisso que eu tenho com as pessoas que conversei durante a minha pesquisa. Enfim, vamos nomear esse cientista de Túlio Silva.

Irene: E o que que você escutou do Túlio que te chamou tanto a atenção e que você quer trazer aqui no episódio?

Ana Paula: Então, Ire o Túlio faz pesquisa que a gente chama “in vitro”, que são aquelas pesquisas que não envolvem seres humanos. Eh, e esse estudo tem como base isolar uma substância numa placa de vidro, e daí o nome “in vitro”. Eh, no caso pode ser um remédio, enfim, medicamento e aí colocar essa substância pra interagir numa célula, que tá infectada por um vírus que vai tentar se checar o efeito desse medicamento, nessa célula.

Irene: Acho que entendi, Ana, é tipo quando a gente tá lá no ensino médio, aprendendo Física, pra resolver um problema a gente isola uma situação fora do contexto dela, né? Tipo quando a gente despreza a gravidade num cálculo.

Ana Paula: Isso aí. Bem lembrado. A gente é de humanas, mas a memória a gente tem né. E as pesquisas *in vitro*, elas são bem o que você falou, é por isso que é muito comum que uma pesquisa de um determinado remédio demonstre resultados super interessantes inicialmente, mas depois quando a gente investiga a substância no corpo humano muda completamente.

Irene: Hmm, e o Túlio é um virologista que faz experimentos com medicamentos?

Ana Paula: Sim, exatamente isso. E ele me contou que por ter estudado Zika também, ele constatou junto a sua equipe de pesquisa que o vírus já estava em circulação no Brasil desde o último trimestre de 2013.

Irene: Nossa, Ana. Isso foi bem antes da epidemia estourar no Brasil, né?

Ana Paula: Isso mesmo. Eu fiquei arrepiada quando o Túlio me falou isso. E ele ainda disse que os serviços que estavam recebendo esses casos, não conseguiam fechar bem assim, um diagnóstico do

que que era. Eles achavam que era dengue, tinham uns sintomas muito parecidos, mas os testes tinham resultados negativos.

Irene: É, os serviços que recebiam esses casos já tinham informações bem suspeitas, que poderiam causar estranheza.

Ana Paula: Concordo. E, às vezes, estranhar alguma coisa que não se tem explicação é exatamente o primeiro passo pra se prevenir de alguma coisa ou se preparar pra algo completamente desconhecido.

Irene: Sobre isso de estranhar, até que a gente da antropologia entende bem né, mas, em relação aos serviços de saúde, eu fico imaginando que é preciso estar sempre muito atentas pra receber essas pessoas que procuram ajuda pra cuidar da sua saúde, né, os sintomas que essas pessoas relatam, mas deve ser bem difícil identificar essas novidades médicas, né?

Ana Paula: É, justamente. E o Túlio na conversa que tivemos falou de diversas ferramentas pra nos ajudar nesse processo e manter a atenção e observar as coisas estranhas e meio inexplicáveis que vão acontecendo.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

Irene: Fiquei curiosa, Ana. Que ferramentas são essas?

Ana Paula: Ire, o Túlio falou de um tal de sequenciamento de nova geração. Essa é uma ferramenta de análise de material genético de microrganismos patógenos. Os microrganismos vão ser o que a própria palavra indica: organismos muito pequenos, e daí a palavra “micro”, né. Eles são compostos por uma célula e são tão pequenos que precisam de um microscópio para serem vistos. Então, por meio da ferramenta de sequenciamento se tem informações sobre o funcionamento de um vírus, que tá hospedado naquele microrganismo. Porque o vírus vai precisar de um outro organismo para ser hospedado, é como se fosse tipo aquele inquilino que não paga aluguel, sabe? E quando usamos o sequenciamento nesse microrganismo patógeno, ou seja, que vai nos fazer algum mal, aí nós podemos ter mais informações sobre, tipo a reprodução de um vírus, ou como que ele vai se comportar na interação com o ser humano, por exemplo.

Irene: Que nome grande dessa ferramenta, ein. Ela parece ser bem complexa.

Ana Paula: E ela não tem só um nome grande, Ire. As cifras também.

Irene: Ih, Ana. Cê já falou de aluguel hoje. Vai querer falar mais de dinheiro ainda?

Ana Paula: A gente só está começando. E o dinheiro é mesmo um dos tópicos importantes do fazer científico, não tem como não falar dele. E no caso do sequenciamento de nova geração, o Túlio me explicou que essa é uma ferramenta muito cara e que nenhum país tem condição de ficar usando isso toda hora.

Irene: E o que o Túlio sugere que se faça, então?

Ana Paula: Bom, ele falou muito sobre o uso sistemático da ferramenta. Ou seja, a frequência que se usa ela. Então, a gente cria alguns critérios pra utilizar essa ferramenta. Que pode ser a partir das estranhezas que a gente percebe no cotidiano de um serviço de saúde, por exemplo. E, no caso do Zika, como ele disse, teve um registro muito rápido de vários casos que “pareciam” dengue, mas não eram.

Irene: Entendi, então, ele sugere que se use a ferramenta a partir das coisas que se observa e em determinadas situações, talvez situações de mais estranheza, e não usar a todo momento.

Ana Paula: Exato! E além disso, o Túlio falou que o uso dessas ferramentas precisa ser feito em uma escala global, sabe? Ele me disse assim: “o vírus não sabe o que é fronteira” [reverb] e isso quer dizer que não adianta um país ou outro ter uma ferramenta cara, como o próprio sequenciamento de nova geração, se os demais países não tiverem recursos mínimos, sabe, para se proteger e evitar que os vírus passe por outras mutações e surjam novos formatos deles, cada vez mais resistentes e, por sua vez, se propagando com mais agilidade. Ele disse ainda de uma forma bem direta: “ou o mundo inteiro está protegido ou está vulnerável” [reverb].

Irene: Que interessante, Ana. Mas, eu fico meio perplexa. O Túlio quer dizer então, que nas ciências é possível prever grandes acontecimentos, tanto pelo uso de ferramentas que permitem olhar pras diferentes interações entre organismos, mas também é possível combinar o uso dessas ferramentas junto às situações observadas que são estranhas e investigar essas estranhezas mais a fundo.

Ana Paula: Esse é o ponto principal da entrevista com o Túlio.

Irene: Mas por que que a gente tá falando tanto de Zika e de COVID?

Ana Paula: A ideia é que nesse episódio, que é o último dessa temporada, a gente faça uma conexão entre Zika e COVID, justamente porque no Brasil nós vivemos várias epidemias ao mesmo tempo. E no caso dessas duas, temos uma boa perspectiva de como é essa relação, então ao longo desse episódio a gente vai descobrir pontos em comum, outros distintos e encontros instigantes entre as duas epidemias.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

BLOCO 2 - Encontros entre os vírus: Zika e COVID em 4 pontos

Irene: Nos episódios anteriores a gente falou da descoberta do Zika, como ele afetou a vida das crianças de Pernambuco e a suas redes de apoio. A gente discutiu sobre formação de pesquisadoras, sobre gênero e fazer ciência, sobre escrita científica e agora a gente chega nos desdobramentos dessa epidemia.

Ana Paula: Pois é, Ire. A gente vê que urgências em saúde tem um curso comum e um outro específico de acordo com cada tipo de adoecimento. E eu gosto muito da entrevista com o Túlio, porque sinteticamente ele aborda alguns aspectos relevantes sobre pesquisar epidemias.

Irene: E quais aspectos são esses, Ana?

Ana Paula: Bom, pensei em quatro pontos diferentes. O primeiro deles é a capacidade da ciência de produzir respostas com agilidade, respostas rápidas, e aqui nós falamos de ritmos diferentes em momentos distintos. E a aceleração é muito presente nos discursos dos cientistas depois que se tem um primeiro contato e se nomeia um novo vírus até então desconhecido.

Irene: Interessante isso. Então, nesse primeiro momento é como um tiro de corrida.

Ana Paula: Perfeito. O Túlio usou exatamente essa metáfora para descrever a produção da ciência durante epidemias. Mas não é só aceleração, tem pausas de outras coisas que estavam acontecendo antes da descoberta de um adoecimento desconhecido, tem também a lentificação dos demais

processos também. E alguns cientistas que não pesquisaram COVID falaram que quando tinha financiamento para as pesquisas, era pouco. Então, tudo se voltou para essa nova pandemia.

Irene: E como essa aceleração é vivida nesse campo científico?

Ana Paula: Vou te mostrar, Ire. Tem uma pesquisadora chamada Maysa Viana que é assistente social pela Universidade Federal de Pernambuco e foi entrevistada pela Thais Valim, Isabella Barbosa, e a Isadora Valle

Irene: Sim, a Thais Valim, que tava com a gente no primeiro episódio dessa série, “Criança não é adulto pequeno”, e a Isadora Valle, que tava com a gente no episódio 5, “Fome de pesquisador”.

Ana Paula: A Maysa nos explica muito bem como essa aceleração foi vivida pelos cientistas. Vamos escutar:

Irene: Inclusive, a gravação foi feita na Universidade Federal de Pernambuco, próximo a um restaurante, no Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Maysa Viana: Eu acho que assim, com a epidemia do vírus Zika, eu acho que de certa forma, o Estado aprendeu alguma coisa, aprendeu que precisa dar respostas urgentes e plausíveis, aprendeu que pode viver de braços cruzados. Na minha concepção, quando a gente chega, né, a pandemia do COVID 19 o Estado já tinha experiência passada, recente, né, de “Não, a gente já passou por uma epidemia que a gente precisou estudar respostas, rápidas, né”. Embora não fosse suficiente, fosse focalizada, mas teve que dar resposta. Então, com certeza teve o vírus Zika, deixou legado, pra essa pandemia de agora. Né, nessa questão de a gente precisa agir. O Estado precisa agir rapidamente. Precisa investir em saúde, investir em políticas públicas, embora não faça suficiente, mas tinha esse entendimento de que é necessário, de que precisa.

Irene: Realmente, é notória a presença de termos como “respostas rápidas”, “urgentes” na fala dessas cientistas. Eu percebi bem isso ao longo da temporada. Eu fico pensando também sobre o formato desse agir tão rapidamente, como e quem são os agentes que precisam fazer isso, Ana?

Ana Paula: Excelente pergunta. Os agentes desse processo são o Estado, os patrocinadores de estudos, eh os pesquisadores e os voluntários da pesquisa. E nesse aspecto, a Maysa toca em algo que eu queria destacar e também é o segundo ponto de algo que o Túlio reforça. Que tem a ver com os **custos dessas respostas**. Eu te falei que um dos agentes nesse processo são os patrocinadores. E no mundo das ciências, assim como quase tudo nessa lógica da vida urbana, tem um custo, um custo financeiro mesmo.

Irene: Hmm, são tipo os boletos que a gente paga pra viver.

Ana Paula: Exatamente isso e as ciências precisam pagar boletos e eles são muitos. É, às vezes, eles são para pessoas que fazem as pesquisas, como os pesquisadores ou os remédios que são testados, eles pagam os instrumentos que nos ajudam a fazer a pesquisa, como o Túlio falou do “sequenciamento de nova geração” e daí em diante. E também tem as perspectivas das publicações de artigos, estruturas de pesquisas que somente são possíveis com os seus devidos financiamentos.

Irene: É verdade, né. E nesse sentido, tem alguma diferença de financiamento entre o Zika e o COVID?

Ana Paula: Tem sim, Ire. Os cientistas do Zika disseram muitas vezes que essa epidemia afetava “menino pobre”, exatamente nesses termos, e o COVID afetou todo mundo. Por isso, pro COVID teve um maior engajamento pelas agências de fomento, universidades, indústrias farmacêuticas, hospitais

privados, centros de pesquisa, que já tinham uma boa infraestrutura e executaram rapidamente seus projetos. É só lembrarmos, né: em menos de um ano a gente já tinha uma vacina pro COVID, e pro Zika até hoje, não.

Irene: Então Ana, quer dizer que dependendo da população atingida por um adoecimento, o rumo da doença pode mudar?

Ana Paula: Exatamente, Ire. E esse é o terceiro ponto que me chama a atenção nessa relação Zika e COVID. No COVID nós tivemos notícias de pessoas famosas morrendo, como o comediante Paulo Gustavo, sabe? Aquele que fez A 'Minha Mãe é uma Peça'. Mas o Zika era adoecimento de uma parcela da população pobre. E eu queria que a gente escutasse agora a fala do Alan Chaves, que é um médico e trabalha com reprodução humana em Recife. Ele foi entrevistado pela Thais Valim, Isadora Valle e Isabella Barbosa.

Alan Chaves: Eu acho que a pandemia do COVID teve um contexto global. Aqui foi um contexto muito regional de uma doença. Novamente, né, lugar pobre, pessoas pobres. Regional, né. Com um ou outro pacientes ali do Sul e Sudeste. Mas o grosso é Bahia, Pernambuco e Paraíba. Então, talvez faltou um olhar com mais carinho para cá e dizer assim "Oh, é uma doença grave. Vamos investir verba, vamos investir dinheiro, vamos conduzir pesquisa de qualidade". Já o Zika, poxa, há vinte anos se tentava fazer uma vacina de RNA e ninguém fazia. E em um ano, tá aí, a *Pfizer* produzindo vacina de RNA.

Irene: Que forte, Ana. Essa questão de verba é realmente muito importante, muda completamente o rumo de um adoecimento.

Ana Paula: Ire, e você acredita que teve até gente doando quadros milionários pra hospitais e institutos de pesquisa, para que pudessem contribuir com os estudos sobre vacina e tratamento de COVID?

Irene: Uau, quadros? Nunca vi isso. Muita gente se mobilizou, então.

Ana Paula: E muita gente mesmo! O Alan falou em um outro momento que as pesquisas de Zika tiveram uma grande barreira depois do COVID, porque o financiamento dos estudos foi todo voltado para esse adoecimento novo.

Irene: Agora, o tiro da corrida foi em outra direção.

Ana Paula: Isso mesmo. As revistas científicas, que são um grande marcador para os pesquisadores se tornarem confiáveis o suficiente pra receberem financiamentos de pesquisas, faziam chamados específicos pro COVID, e muitos pesquisadores foram estudar essa temática depois disso.

Irene: Como a gente ouviu no episódio de Isadora, os resultados das pesquisas publicadas em artigos são uma consequência dos estudos, mas esses resultados também possibilitam que mais e outros estudos sejam feitos.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

Irene: Então, Ana, a gente viu até agora que: 1) A ciência consegue produzir respostas com rapidez em situações de urgência; 2) A construção dessas respostas custam e custam caro; e 3) A depender do público que um adoecimento atinge isso traz repercussões pro seu tratamento, pra forma de lidar. Poxa, parece que nada muda entre uma epidemia e outra, que coisa.

Ana Paula: Ire, você tocou num ponto bastante discutido entre os cientistas. Alguns vão acreditar que tem legados importantes entre uma epidemia e outra, mas tem outros cientistas, às vezes até os

mesmos que acreditam nas duas coisas ao mesmo tempo: que houve e não houve legado de Zika para o COVID.

Irene: Como assim, Ana? Não entendi.

Ana Paula: Peraí, Ire, já te explico, mas primeiro vamos escutar a Bernadete Perez, que foi entrevistada por Mariana Petrucelli e Thais Valim. A Bernadete é médica sanitária, pesquisadora e professora na Universidade Federal de Pernambuco. E a opinião dela sobre esse legado é a seguinte:

Bernadete Perez: Existe. Eu acho que esse legado, ele existe. A gente conseguiu evidenciar as potências de fazer pesquisa, de romper com o produtivismo acadêmico careta, engessado, ortopédico, né? A gente demonstrou isso. Agora, quero dizer também, gente, assim, que a hegemonia não é essa, o modo hegemônico continua hegemônico. Então, assim, é claro que existe legado, claro que, eu não tenho dúvidas de que, parte dos alunos e alunas, por mais que entrem, que se formaram já, né. Essa turma levou isso para o resto da vida, não tenho dúvida nenhuma. Mas, é claro, também, né, que eu sei que o modo hegemônico de fazer clínica, né, de ser médico e médica, a influência do mercado, do profissionalismo, né, do comando pelas corporações são hegemônicos e também não se rompe fácil.

Ana Paula: Ire, eu senti que para os cientistas o maior legado que o Zika deixou foi na formação dos profissionais de saúde, como a Soraya fala no episódio dessa temporada “O Zika me formou”. Mas muitas lógicas de se fazer pesquisa perpetuaram e infelizmente pouca coisa sobre a forma de lidar mudou do Zika para o COVID.

Irene: O COVID teve uma resposta muito ágil com a vacina.

Ana Paula: Verdade. Mas isso não se deve ao legado e sim aos recursos financeiros que o COVID possuiu. Por isso muitos cientistas veem que as duas coisas coexistem: o Zika deixou e não deixou ao mesmo tempo um legado para as crises sanitárias como a pandemia de COVID-19.

Irene: É, Ana, são muitas coisas pra refletir sobre Zika e COVID.

Ana Paula: São mesmo, Ire. E eu notei que esses 4 aspectos marcantes foram repetidas vezes argumentados por outros cientistas que entramos em contato. Eu vou lembrar: 1) Temos uma ciência ágil; 2) Nós precisamos pagar os boletos desse fazer científico; 3) O rumo dos adoecimentos pode ser definido pelo público mais prejudicado nesse processo; e 4) e último, as epidemias podem deixar legados, mas boa parte das vezes não deixa. Ire, eu vi recentemente um documentário de uma jornalista e atriz francesas Marie-Monique Robin e Juliette Binoche e espero que tenha pronunciado o nome delas corretamente. É, esse documentário fala sobre epidemias e se chama “A fábrica das pandemias”. Vale a pena ver pra quem tem interesse nesse tema. Mas um ponto importante no documentário é justamente o fato de que sabemos que mais pandemias virão. As epidemias ou pandemias sempre se tocam, e é quase como uma corrida de revezamento: quando um chega num ponto, o outro passa o bastão da corrida para continuar. Mas a diferença aqui é que essa corrida não termina. E estamos de algum modo entre um ponto e outro, entre uma próxima epidemia que pode emergir. Quando ela surgir, vão se mobilizar, indicar outros caminhos semelhantes desse fazer científico. Dar um tiro, engendrar outras relações, publicações, financiamentos e movimentações.

FECHAMENTO

Irene: A metáfora do tiro da corrida nos acompanhou, foi um fio condutor pra esse episódio. Mas como todo tiro tem um começo com aceleração, a gente precisa desacelerar pra compreender melhor.

Ana Paula: Verdade, Ire. E eu espero que possamos intercalar mais tiros de corrida com trotes calmos.

Irene: Massa, Ana, muito obrigada por compartilhar sua pesquisa com a gente. Também quero agradecer a Maysa Viana, ao Alan Chaves Dos Santos, a Bernadete Perez e ao Túlio Silva, esse último com um nome fictício, né, que toparam nos dar essas entrevistas e contar suas histórias. Os currículos de todas essas pessoas, assim como o expediente de produção da série, podem ser encontrados na descrição desse episódio e na página do Mundaréu, anota aí: <https://mundareu.labor.unicamp.br/> A nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, e a nossa música tema é “Suportar Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro e do Igor de Carvalho, e também com a voz do Chico César.

Pra terminar, quero indicar mais um podcast da Rádio Kere-kere, o coletivo de podcasts de Ciências Humanas, com destaque para a Antropologia, do qual o Mundaréu faz parte. É o podcast “Ecos Pandêmicos”, um podcast que tem tudo a ver com o tema que a gente conversou hoje: Ao longo de 10 episódios, o “Ecos Pandêmicos” vai falar sobre os rastros da pandemia do Covid-19 ainda presentes no nosso cotidiano. A série reflete sobre as principais dificuldades e aprendizados seguindo as experiências brasileira e sul-africana. Como é um projeto de extensão da USP, este podcast é coordenado pelas antropólogas Laura Moutinho, Márcia Thereza Couto e Milena Mateuzi. “Ecos Pandêmicos” tá disponível no site do PPGAS-USP, no Spotify e também na página da Rádio Kere Kere: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

E assim a gente termina o último episódio da série Ciências do Zika. Espero que você tenha gostado e dialogado junto com a gente sobre os desdobramentos da epidemia do Vírus Zika pro fabrico da ciência. A gente se ouve por aí!

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

É chegado o tempo da inocência partir

Vida pede cimento, vou fincar minha raiz

Não me perder no vento da emoção do aprendiz

É chegado o tempo de ampliar a ciência

Sobre o que é ser feliz

(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)